

Dr. Sando

Hospitais entram em colapso e deixam 2 mil sem atendimento

11 ABR 1990

CORREIO BRAZILIENSE

Mais de duas mil pessoas deixaram de ser atendidas ontem nas emergências do Hospital Regional de Taguatinga (HRT) e Hospital da Asa Norte (HRAN), depois que os médicos decidiram fechar estas unidades por total falta de condições de trabalho. Há vários meses toda a rede vinha restringindo o atendimento aos casos mais graves. Desde ontem, porém, nem os serviços precários e as prescrições sem medicamentos os usuários da rede pública hospitalar encontraram.

No Hospital de Taguatinga, entre os que tentaram atendimento no período da tarde estava Manoel Rodrigues de Souza, mais de 70 anos de idade, vítima de derrame ce-

rebral e há uma semana reclamando de dores e sem comer nada. Seu genro, Manoel Nascimento que tentava interná-lo, ficou desesperado ao saber que o hospital não iria atendê-lo. "O governo tem de tomar uma providência, dar assistência aos hospitais para que eles voltem a funcionar. Não pode fechar tudo assim", apelou. De lá, eles seguiram para o Hospital da Ceilândia.

Ainda naquele pronto-socorro, a estudante Regina Célia dos Santos, 18 anos, que não foi atendida na clínica geral para tratar um problema no dedo mínimo da mão direita, disse que os médicos deveriam atender pelo menos nas clínicas, onde não é preciso tanto equipamento. "Funcio-

nar o que der para funcionar, só não pode o doente ficar do lado de fora esperando pela boa vontade do governo", disse Regina.

Enquanto isso, no Pronto-Socorro do HRAN, que sempre contou com uma comissão de triagem, o vice-diretor, Luiz Fernando Mizziara, explicava que a unidade estava efetivamente parada. Nem mesmo o soro glicosado 5 por cento, necessário aos pacientes internados, ele conseguiu na Farmácia Central. Poucas pessoas foram atendidas e segundo o médico Mizziara a emergência ficará parada até que a Fundação dê uma garantia de abastecimento de material e medicamentos por no mínimo 30 dias.